



SUCESSO
Retrospectiva
do artista foi
vista por mais
de 40 mil
pessoas no
Rio de Janeiro

ISTOÉ - *Megamostras como a Bienal de São Paulo, que corre o risco de não acontecer no ano que vem, ainda fazem sentido?*

Vik Muniz - Eu nunca acreditei muito nessas megamostras, acho que elas precisam ter um desenho diferente. Quando expus em Veneza, alguém me perguntou se eu não estava contente por ter meu trabalho visto por 30 mil pessoas. Eu disse que estaria mais contente se elas não estivessem vendo 30 mil outros artistas.

ISTOÉ - *O sr. não acha que hoje os artistas têm uma visibilidade maior?*

Muniz - Somos ainda muito poucos. Rivane Neuenschwander, Ernesto Neto, Beatriz Milhazes, nós somos todos amigos, temos o celular um do outro. É ridículo. Uma bienal acontece de **dois** em dois anos para atualizar o público com uma mostra que abranje a produção de um país. O interesse dela é a contemporaneidade, não o tamanho. Cada vez mais a representação nacional foi sendo esmagada, ficou menor e menos importante. Isso tem que ser completamente mudado.

ISTOÉ - *A Bienal ainda projeta a arte brasileira internacionalmente?*

Muniz - Mas qual arte brasileira? Hélio Oiticica e Lygia Clark? Todo mundo os conhece. Arte brasileira não é só Hélio e Lygia, que são excelentes artistas. E os jovens? São centenas, milhares de pessoas que vivem esse sonho de expor numa galeria no Exterior e dependem desse público que vem de dois em dois anos para ver a Bienal. É quando os jovens têm uma chance de mostrar sua obra. Mesmo que só a vejam e não a comprem.

ISTOÉ - *No Rio de Janeiro, sua exposição foi vista por mais de 40 mil pessoas. Qual é o gosto da popularidade?*

Muniz - Um taxista que me levava para o aeroporto Antônio Carlos Jobim me recomendou a mostra. Disse que tinha uma exposição em cartaz que eu não podia perder. Eu falei que era minha e ele disse que eu estava de saca- >>

ENTREVISTA
VIK MUNIZ

"A BIENAL ESMAGOU A ARTE BRASILEIRA"

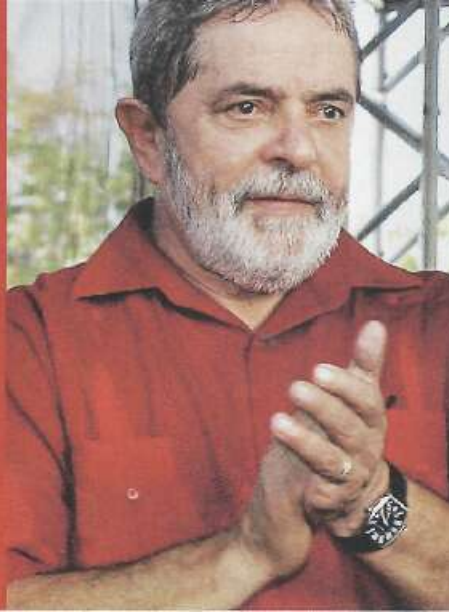
O artista plástico experimenta o gosto da popularidade e diz que a Bienal de São Paulo boicota os novos talentos

por Ivan Cláudio

Opaulista Vik Muniz, 47 anos, é um dos artistas brasileiros mais famosos no Exterior. Estabelecido em Nova York há mais de duas décadas, ele consegue vender obras por **US\$ 40 mil** e tem trabalhos expostos nos principais museus do mundo. Em dezembro, o MoMa - Museu de Arte Moderna de Nova York o convidou para fazer a curadoria de uma exposição, um luxo reservado a poucos. Foi um sucesso. Mas o que está deixando Muniz de riso aberto é a reper-

cussão de sua retrospectiva no Brasil. No Rio de Janeiro, ela foi vista por mais de **40 mil** pessoas, um público equivalente ao de um show de rock. Agora em cartaz no Masp, Museu de Arte de São Paulo, a mostra formada por imagens feitas de geleia, açúcar, linhas, diamantes, caviar e até de objetos achados no lixo promete virar mania. Na entrevista a seguir, o artista explica por que cansou de ser conhecido apenas no mundinho das artes plásticas: "Meu público é feito também de crianças e vovós. Faça arte para todo mundo."

“ Fiz o retrato do Lula na inauguração de uma usina. Ele não me conhecia e perguntou para o que era. Não mandei um de presente porque ele não me pediu”



» nagem. Isso para mim é mais importante que o sucesso de crítica.

ISTOÉ - *A opinião do taxista vale mais que uma resenha positiva?*

Muniz - As duas opiniões são importantes. Mas estou cansado desse meu público, de fazer uma exposição de sucesso com uma crítica boa no *The New York Times* e ter 1.500 visitantes ao final. Não é nem pelo número de pessoas. É pelo perfil de quem vai ver.

ISTOÉ - *Que público o sr. almeja?*

Muniz - Meu público hoje é feito de crianças, vovós, do guarda do museu, do manobrista. Faço arte para todo mundo. Quero ser visto pela família inteira e também pela empregada. Criança, então, é o crítico mais difícil. Se ela não gosta, logo diz; isso é uma porcaria. No Rio tinha um mar de crianças e elas estavam adorando.

ISTOÉ - *Essa posição não é comum na arte contemporânea.*

Muniz - O artista tem sempre essa coisa paranóica de pensar que ninguém o entende. Na verdade, isso é uma lorota. Quando ele escuta de uma pessoa comum que o trabalho dele o fez ver as coisas de modo diferente, é o melhor dia da vida dele.

ISTOÉ - *O sr. fez um retrato do presidente Lula só com confetes de páginas*

de revistas. Como se aproximou dele?

Muniz - Foi em Ribeirão Preto, na inauguração de uma usina. Como ele estava no cerimonial, consegui 15 minutos e o fotografei. Ele perguntou para o que era e eu falei que era artista plástico. Ele não me conhecia.

ISTOÉ - *O sr. mandou o trabalho para ele?*

Muniz - Não, ele não pediu.

ISTOÉ - *O sr. esperava esse sucesso no Brasil?*

Muniz - Não esperava, mas sonhava com ele. A primeira vez que meus pais foram a um museu foi para ver um trabalho meu. E pela expressão deles, via como estavam aterrorizados. Exposições de arte contemporânea são um ambiente um tanto opressivo, lidam com códigos e linguagens aos quais as pessoas não têm acesso. É uma coisa sinistra. Se você vai visitar uma galeria em Nova York, tem sempre um cara sentado numa cadeira alta, olhando para você com uma cara pernóstica. Eu fico pensando quanto esse sistema de galerias prejudica o artista.

ISTOÉ - *Por quê?*

Muniz - A galeria está ali para vender, mas o artista tem sede de comunicação. Ele quer se comunicar com o homem comum, que não é burro.

Você deve ao público uma arte que é ao mesmo tempo inteligente e acessível. *Os Simpsons*, por exemplo, é apreciado por um Ph.D. da Universidade de Harvard e por uma criança de três anos. Esse é o grande desafio da arte contemporânea no século XXI.

ISTOÉ - *Por que as galerias estão sempre vazias?*

Muniz - As pessoas não entram e acho isso um erro. Não é só a galeria que inibe. A crítica também intimida porque ela tem uma terminologia erudita. Do outro lado, os museus estão voltados para a educação e não para a percepção. É uma admiração pelos mestres, parece que você tem de ajoelhar diante de certos quadros porque foram feitos por determinados artistas. O uso que faço da história da arte em meus trabalhos é uma forma de banalizar isso. Coloco um Rafael ao lado de um Bosch. Do ponto de vista da história da arte é uma idiotice. Mas eu faço isso justamente para romper a hierarquia.

ISTOÉ - *O sr. acha que as pessoas precisam de uma educação visual?*

Muniz - Tenho conversado com muitas pessoas sobre a possibilidade de desenvolver um sério programa de alfabetização visual. Tenho 47 anos, a mesma idade de Barack Obama, estou chegando à idade do poder. O que eu quero fazer antes de morrer é tentar elevar a imagem ao nível da linguagem escrita como uma disciplina escolar. Isso não é tão difícil de fazer. Se acontecesse no Brasil, o País seria pioneiro. Tem condições de fazê-lo porque é um país onde a estrutura de mídia é enorme e sofisticada.

ISTOÉ - *Mas justamente no Brasil onde a telenovela é hegemônica?*

Muniz - A novela tem um efei- >>

ENTREVISTA

» to incrível porque é interativa. Ela é feita na medida em que a pesquisa indica quem o público quer que morra, quem o público quer que viva.

ISTOÉ - O sr. acompanha novela?

Muniz - Acompanho tudo. É claro que não vejo sempre. Vejo pedaços. *Caminho das Índias*, por exemplo, eu adoro. Eu gosto das novelas da Glória Perez. Elas são absurdas. Acho incrível se reproduzir a Índia no Projac com todos os seus estereótipos.

ISTOÉ - O sr. gosta pelo lado kitsch?

Muniz - Até que não. Acho a novela um espelho da sociedade, ela reflete o que as pessoas querem ver, tem essa generosidade. É possível enxergar muito do brasileiro nas tramas. Ela não é uma coisa independente, que molda a cabeça das pessoas. São as pessoas que moldam as novelas. Isso é formidável, é único.

ISTOÉ - De que novelas o sr. gostou?

Muniz - Gostei de *América*, de *O clone*. Lembro de uma cena formidável de *América* em que a Deborah Secco se escondia atrás dos carros nas ruas de Miami para a imigração não pegá-la. Eu ria tanto daquilo. Tinha uma coisa irreal. É como ler Garcia Márquez ou Ítalo Calvino.

ISTOÉ - O que o sr. acha de outros artistas copiarem o seu estilo?

Muniz - Outro dia eu estava em São Paulo e as pessoas me disseram que haviam adorado o retrato que eu fiz da Hebe Camargo. Eu disse que até gostaria de ter feito um retrato dela, mas não tinha feito. Aconteceu a mesma coisa com o Gianecchini, que eu também nunca fiz. Teve também o caso de um restaurante, que tinha ilustrações feitas com comida, parecidas com meu trabalho. Minhas obras já venderam desde panetone até creme vaginal.

ISTOÉ - O sr. não faz nada para impedir isso?

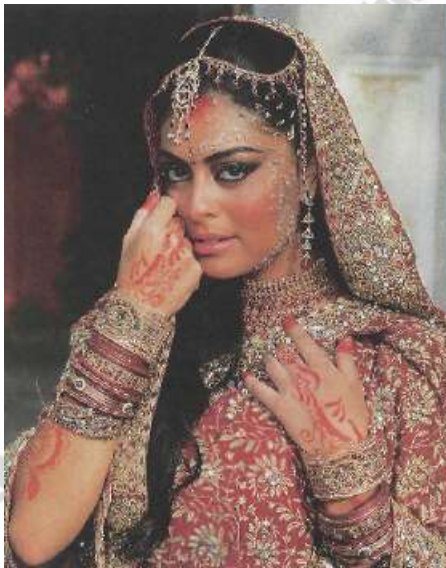
Muniz - É uma hipocrisia muito gran-

de você ter copyright sobre imagem e não sobre uma técnica. Eu não gosto nem de um nem de outro. O direito autoral atrasa o processo de desenvolvimento da imagem. Se alguém quiser copiar qualquer coisa minha, que copie. Não tem de pedir permissão.

ISTOÉ - O sr. pede permissão para fazer um retrato de uma celebridade?

Muniz - Quando uso uma foto existente, como no caso dos retratos de atrizes com diamantes, tenho de pedir autorização ao fotógrafo e ao retratado. A Elizabeth Taylor, por exemplo, pediu uma foto para ela e outra para o seu instituto de combate à Aids.

ISTOÉ - Suas fotos de diamantes são mais caras que os diamantes?



zimos durante a vida nos seguisse seria a coisa mais vergonhosa que existe. Estamos sempre tentando esconder o lixo que produzimos, em todos os sentidos. Isso tem a ver com a morte, com o que não usamos mais. Não vejo como perversidade. Seria se eu estivesse colocando lixo real na casa das pessoas.

ISTOÉ - O sr. compra obra de arte?

Muniz - Só de artistas jovens. Compro com pouco dinheiro e só quando vejo um artista de talento. Tenho uma coleção de arte contemporânea, mas ela é feita de obras trocadas com artistas que conheço.

“Eu gosto das novelas da Glória Perez. Elas são absurdas. Acho incrível se reproduzir a Índia no Projac com todos os seus estereótipos”

Muniz - Acabam sendo porque eles são, na verdade, muito pequenos. Foram ampliados. Os diamantes valem, ao todo, US\$ 650 mil e foram emprestados. Acho esse paradoxo lindo. Parece com a história do Picasso. Ele viu uma casa belíssima, fez um desenho da casa e o trocou por ela. Isso é alquimia.

ISTOÉ - O sr. não acha perverso fazer trabalhos com lixo e colocá-los dentro da casa de pessoas ricas?

Muniz - O lixo representa toda história que a gente não quer contar. Se o rastro de resíduos que produ-

zimos é um bom investimento?

Muniz - Estou super feliz com os meus preços. Um artigo do *The New York Times* disse que era uma injustiça porque artistas da minha geração, como Thomas Demand e Thomas Struth, estavam vendendo trabalhos por US\$ 150 mil e eu por US\$ 40 mil. Eu liguei para o jornal e reclamei. Quem põe o preço no meu trabalho sou eu. Olho para ele e pergunto: "Quanto eu pagaria por isso? Não pagaria mais que US\$ 40 mil." ■